

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XXIX*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1990

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657\\_29\\_14](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_29_14)

ISSN: 0084-9189

*La Collezione Epigrafica dei Musei Capitolini*, Edizioni di Storia e Letterature, Roma, 1987, 392 pp. + LXXVIII de lâminas com fotos.

Incluído, com o n.º 6, na colecção *Tituli* (Publicazioni di Epigrafia e Antichità Greche e Romane dell'Università di Roma — La Sapienza), este volume foi organizado sob orientação do Prof. Silvio Panciera, responsável, desde há vários anos, pelo Seminário de Epigrafia e Antiguidades Romanas na referida universidade. O volume resulta, pois, do persistente trabalho de estudo e revisão de monumentos epigráficos aí levado a efeito.

Publicam-se, na primeira parte (pp. 29-263), como Silvio Panciera, aliás, explicita na introdução, todas as inscrições latinas e gregas identificadas no conjunto dos museus Capitolinos (ou seja, o Museu Capitolino propriamente dito, o Palácio dos Conservadores, o chamado Braccio Nuovo, o Museu Novo, a Galeria Lapidar de Congiunzione e o Tabularium) que estavam inéditas até 1985, num total de 183.

Dá-se conta, na segunda parte (pp. 265-330), das revisões de epígrafes já conhecidas e que uma melhor fotografia ou a observação mais aturada agora vieram permitir.

A identificação de fragmentos da mesma peça em locais diversos e a possibilidade da sua colagem determinou que, durante a pesquisa, se fossem tomando apontamentos de índole museográfica com vista a mais adequada e racional exposição das peças. Daí a razão de ser da terceira parte, “contributos para a reordenação”. E foi dentro dessa mesma ordem de ideias que se elaborou, inclusive, uma tabela de equivalências entre os números do antigo catálogo e do novo. Esta preocupação de atingir os objectivos científicos sem, no entanto, descurar as perspectivas museográficas é, em meu entender, um dos pontos dignos de apreço no volume.

Tomam-no operacional exaustivos índices analíticos: de fontes literárias e epigráficas (pp. 349-375); topográfico (pp. 377-378); epigráficos, segundo o modelo do CIL (pp. 379-389); dos 48 colaboradores do volume (pp. 391-392). As 78 estampas com um total de 345 fotografias, em papel “couché”, de muito boa qualidade, facilmente cotejáveis com o catálogo porque vão identificadas mediante a numeração correspondente, constituem, por fim, um repositório ímpar de dados paleográficos e, sobretudo, de tipologias, precisamente porque se adoptou o critério (invulgar, mas precioso) de as arrumar consoante os vários tipos de suporte.

A bibliografia antecede o texto propriamente dito. Aí afigura-se-me desnecessário fazer preceder de AA. VV. (“autores vários”) os volumes colectivos, como é o caso das *Mélanges* ou das actas de colóquios temáticos. A ordenação pelo título seria, decerto, mais fácil e clara.

As inscrições inéditas estão arrumadas pela ordem tradicional: votivas, imperiais, honoríficas, funerárias..., com o que particularmente concordamos. É sempre possível agrupar, depois, as epígrafes da mesma proveniência através da consulta dos índices geográficos e, por outro lado, quantas vezes se não desconhece a exacta proveniência da peça guardada no museu!... Terminam a série os fragmentos, os textos cristãos anteriores ao séc. VII e as inscrições falsas.

O capítulo das revisões foi ordenado segundo os *corpora*. Na terceira parte, as anotações agruparam-se por museus.

De cada inscrição é apresentado um pequeno estudo — uma ficha, diríamos — assinada pelo colaborador dele responsável, que contém: descrição sumária, indicação de proveniência e paradeiro, identificação do negativo fotográfico e do número da respectiva ilustração no volume. Na leitura, em letras minúsculas e de acordo com as *Unhas* do texto /linhas original, utilizam-se os sinais diacríticos preconizados para as novas edições do CIL. O comentário paleográfico debruça-se sobre as particularidades da paginação e da grafia dos caracteres. O comentário histórico, em geral bastante metucioso, realça o interesse documental do monumento, em todos os seus aspectos, e propõe, no final, uma datação fundamentada. São aduzidos amiúde exemplos retirados doutros *corpora* e, se algo houvesse a apontar, seria precisamente a notória ausência, na bibliografia, de textos alusivos à Península Ibérica, sintoma de que a informação ainda não circulou, então, com a eficiência que seria desejável.

É, por conseguinte, um trabalho modelar, com cuja organização concordo inteiramente. A sua consulta, mormente como termo de comparação — a fazer — com a forma e o conteúdo das epígrafes da Península Ibérica revela-se da maior oportunidade.

Aduza-se, a título de exemplo, a ocorrência da fórmula *te rogo praeteriens dicas*, patente na inscrição 46 (pp. 116-117), a propósito da qual Maria Letizia Caldelli refere os casos hispânicos. Na última parte trata-se, efectivamente, de textos do CIL II e não do CIL VI, como, por gralha tipográfica, foi escrito — o que acabou por induzir em erro quem elaborou os índices de fontes (pp. 352 e seguintes). Uma leitura atenta dos índices do CIL II (pp. 1173 e 1178) ou das *Inscriptiones Latinas de la España Romana*, de José Vives (Barcelona, 1971 e 1972), pp. 364-367 (n.ºs 3761-3787), ter-lhe-ia dado uma noção mais exacta da utilização desta fórmula (CIL II 5241 traz também *die rogo qui transis...*), proporcionando-lhe, inclusive, outros elementos de datação. Na verdade, afirma Maria Letizia Caldelli que, “das inscrições africanas e hispânicas, só CIL II 5907 é datável: Hübner atribui-o ao século II d. C.”—ora, dispomos hoje de critérios que nos possibilitam a datação de boa parte dos demais textos. Os n.ºs 36 e 46 do volume II das *Fouilles de Conimbriga* (Paris, 1976), por exemplo, que trazem esse formulário, são datados dos finais do século II — princípios do III da nossa era.

Uma das outras vezes em que se aduz uma epígrafe peninsular é, na p. 36, a propósito da forma *posuit*, que encontraria paralelo em CIL II 2722. O texto, dado o seu carácter fragmentário, não foi recolhido por José Vives, mas Luís Sagredo San Eustaquio e Santos Crespo Ortiz de Zarate incluem-no, sob o n.º 64 (p. 57) *Epigrafia Romana de la Provincia de Palencia* (Palencia, 1978) e essa “anomalia” não é ali considerada: *posuit* surge grafado na obra apenas com um *u*. Em contrapartida, nos índices do CIL II (p. 1190) registam-se outros casos de uso de “*uu pro u*”, designadamente no genitivo da quarta declinação.

A propósito da ocorrência do cognome *Doles* (inscrição n.º 19, pp. 63-67), de origem trácia, cita Maryline Parva CIL II 2984, de Calagurris, uma inscrição relativa ao soldado

*Iulius Longinus Doles*, da *Ala Tartorum Victrix Civium Romanorum*. Trata-se, de facto, duma das raras referências a trácios na epigrafia da Península Ibérica e Patrick Le Roux (*L'Armée Romaine et l'Organisation des Provinces Ibériques d'Auguste à l'Invasion de 409*, Paris, 1982, p. 87 n. 34 e p. 216 n.º 157) teve ocasião não só de justificar a presença dessa ala na Península Ibérica, possivelmente desde 68 ao fim do século I, como de confirmar a origem trácia deste *eques*. *Doles* não seria, pois, como à primeira vista poderia parecer, um caso de omissão do *n* antes de *s* (cf. CIL II, p. 1189) e dever-se-á ter em atenção esse facto ao repensar CIL II 6, onde propus somente a leitura *Teia Dole[ns?]* / ? (IRCP 27).

O uso da pontuação entre consoantes duplas na inscrição 52 (pp. 123-124) é justificado por Anna Illuminati, na sequência de Schulze, como sendo uma forma de, assim, se realçar a exactidão da grafia. Cita-se, a propósito, CIL II 4085, de Tarragona. Já os exemplos que pude colher na epigrafia do *conventus Pacensis* (IRCP, p. 880) não permitem, porém, essa conclusão: textos há que apresentam *interpunctio* mas não nas consoantes duplas.

De interesse, ainda, a referência à omissão do *i* na forma verbal *posivit* — *posiut* — que se regista no n.º 112 (pp. 194-195). As autoras consideram ser um “perfeito sincopado” e aduzem outros exemplos, entre os quais CIL II 6302, de Palência. A circunstância de essa epígrafe apresentar tantas anomalias ortográficas levar-nos-ia a pensar, de preferência, num erro quer de omissão quer de troca de letras (*posiut* por *posuit*). Assim o julgaria, de facto, se não houvesse tais exemplos.

É, evidentemente, a permanente troca de informações que permite o avanço da Ciência, designadamente duma ciência como a Epigrafia que se alicerça em vasta documentação esparsa por todo um Império. Bons e completos índices constituem, por isso, instrumento de trabalho imprescindível. Daí que o volume ora em apreço deva ser, doravante, ponto de referência obrigatório.